

BRAGA (Gualtar)

A igreja de São Miguel de Gualtar dista cerca de 6 km da sede do concelho de Braga. Seguir pela EN103 no sentido de São Mamede de Este e Ferreiros, manter-se à direita e seguir pela rampa para a Universidade/Bom Jesus, na rotunda seguir pela 4ª saída para variante de Gualtar, na rotunda seguinte sair na 1ª saída, depois virar à esquerda em direção à rua da Universidade, seguir pela rua de São Brás durante cerca de 500 m até à rua da Igreja Velha, a igreja encontra-se à sua direita.

Esta freguesia situa-se numa pequena encosta, na margem direita do rio Este, em local de implantação semiurbana, rodeada de alguma vegetação e campos de cultivo. Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, na freguesia produzia-se milho, centeio, vinho e azeite.

O lugar de Estrada Velha, desta freguesia, está relacionado com a *Geira*, antiga estrada romana que ligava Braga a Astorga. Do período romano data uma conduta de abastecimento de água potável a núcleos populacionais da região, em ótimo estado de conservação, provavelmente construída entre os séculos I e IV. A orientação desta conduta parece sugerir uma relação com o lençol freático do complexo das "Sete Fontes", datado do século XVIII.

Atualmente, implanta-se nesta freguesia o "campus universitário" da Universidade do Minho.

Igreja de São Miguel

A EXISTÊNCIA DE UM TEMPLO CRISTÃO em Gualtar está documentada, no *Liber Fidei*, pelo menos desde a primeira metade do século XI (1032-1043), como se pode ler numa doação de Mestre Savarigo à Condessa D. Ilduara Mendes, pela qual lhe concede a sua parte do mosteiro de São Miguel de Gualtar, *monasterio vocabulo Sancto Michaelae quod habuimus de parte de avio nostro [...] in villa Gualtar*. Em 1059, volta a surgir a menção a Gualtar na doação que Fernando I de Leão fez ao mosteiro de Guimarães. Segundo o Censual do Bispo D. Pedro, de finais do século XI, a igreja de São Miguel de Gualtar pagava dois moios ao bispo.

A igreja de São Miguel pertencia ao arcebispado de Braga e foi sagrada pelo bispo D. Pedro em 1075, como prova a inscrição comemorativa que se encontra na face exterior da parede norte da capela-mor, onde regista "Era de 1113, Pedro", segundo leitura de Mário Barroca:

ERA M / CX : III Petrus

De ambos estes templos nada sobreviveu, à exceção da referida inscrição.

A localidade de Gualtar é mencionada, em 1214, no testamento de João Peres, cónego de Braga, que doa a sua *quintana de Gualtar* a um seu sobrinho. Mais tarde, Pedro Pais, cónego de Braga, em 1255, deixa à igreja de São Miguel de Gualtar 12 morabitinos.

Nas inquirições gerais de 1220 é declarado que o rei não tem qualquer reguengo nem qualquer foro na freguesia de São Miguel de Gualtar, nem é seu patrono. É ainda afirmado que a igreja tem searas e 12 casais e que a Igreja de Braga arrecada aí o direito de voz e calúnia.

D. Martinho Geraldês, arcebispo de Braga, no seu testamento de agosto de 1271, deixa ao reitor e clérigos de São Miguel de Gualtar dois morabitinos anuais. Dez anos mais tarde, em 1281, Domingos Peres Vinagre, mestre-escola de Braga, em testamento, lega aos clérigos da igreja de São Miguel de Gualtar 20 morabitinos para compra de certas propriedades. Em 1291, Estevão Pais, cónego de Braga, deixa aos clérigos da igreja de São Miguel de Gualtar vários bens móveis e imóveis e ainda algum dinheiro.

Segundo o Catálogo das Igrejas de 1320, a igreja de Gualtar era taxada em 300 libras, na contribuição para a Cruzada. Tratava-se de um valor bastante elevado no contexto das terras do Couto de Braga, apenas suplantado pela contribuição da igreja de São Pedro de Este (400 libras) e pelos mosteiros de Adaúfe (600) e Tibães (1 000 libras).

Em meados do século XVI, João de Barros reafirma a antiguidade do mosteiro de Gualtar, mas já não tinha frades e tinha anexo o mosteiro de Cervães, no couto de Moure. São Miguel de Gualtar era vigairaria da apresentação do arcediogo da sé de Braga e passou depois a reitoria.



Perspetiva geral da igreja. Alçados oeste e norte



Perspetiva geral da igreja. Alçado norte



Portal norte. Tímpano

Orientada, a igreja de São Miguel de Gualtar está edificada a meia encosta, a 247 m de altitude. A sua implantação permite adivinhar o seu posicionamento estratégico, revelando um domínio efetivo sobre o território envolvente que hoje apresenta-se profundamente transformado devido à expansão urbana da cidade de Braga.

A atual igreja terá sido reconstruída na época moderna, nos séculos XVII ou XVIII. Compõe-se de nave única e capela-mor retangular. A conservação do alçado lateral norte, composto por silhares de granito pseudo-isódomos, ao nível da nave e cabeceira, permite-nos supor uma continuidade pelo respeito pela espacialidade românica primitiva. O aparelho compõe-se de silhares bem esquadriados que, na parede fundeira da abside, ainda deixam ver a sua fresta fundeira. Na cabeceira vemos os únicos cachorros remanescentes, lisos e de secção retangular. O da extremidade, posicionado junto da parede testeira da abside, é mais elaborado, ostentando três motivos encordoados que se desenvolvem segundo a orientação do cachorro.

No corpo da igreja, a norte, o mais significativo elemento, que nos transporta para o período românico, é o portal lateral. Inscrito na espessura do muro, compõe-se

Portal norte. Pormenor





Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental



Pedras avulsas

de duas arquivoltas. As impostas, ornadas com motivos encordoados ornados por pequenas esferas, apoiam-se diretamente sobre os pés-direitos do muro. A ornamentação das duas arquivoltas é erudita e remete-nos para a importância que a igreja de São Miguel de Gualtar terá tido durante a Idade Média. O arco envolvente está ornado por bilhetes delimitados no exterior por um estreito friso com pequenos besantes. A arquivolta interna, envolta por igual friso com besantes, ostenta palmetas simplificadas que um toro na aresta remata. O tímpano apresenta uma composição curiosa, composta por cruz vazada ao centro, envolvida por laçarias. Assenta sobre um lintel onde se relevam motivos fitomórficos e vegetalistas. O lintel apoia-se sobre mísulas animais, a da esquerda mostra-nos uma figura animal a abocanhar um toro e a da direita enforma um focinho de um animal que o desgaste sofrido não permite identificar.

A fachada da igreja é caracteristicamente moderna, quer pela composição criada, quer pela dicotomia causada pelo uso do caiado branco nos paramentos e do granito nos cunhais e no arranjo dos vãos. Contudo, o interior mostra-se intimista, aspeto criado pela permanência do granito aparente. O arco triunfal, concebido ao modo de arco diafragma organiza espacialmente a igreja. O intradorso do portal norte é simples, destacando-se o vazamento da cruz do tímpano que permite a entrada de luz. Confrontante com este, o portal lateral sul, hoje oculto

para o exterior pelo corpo com funções paroquiais que foi adossado a este lado da igreja. Permitindo-lhe o acesso, apresenta uma estrutura idêntica à do portal lateral norte, mas os seus elementos estão isentos de decoração. Exceção para as mísulas que sustentam o tímpano e que se ornaram com motivos geométricos. A da direita é idêntica à do cachorro terminal da abside, junto da parede testeira, ostentando três motivos encordoados que se desenvolvem segundo a orientação do cachorro. No interior da igreja encontram-se algumas peças avulsas e ornamentadas que denunciam o caráter erudito da primitiva fábrica românica.

Texto: MLB/JL - Fotos: JNC/MLB/SVS

Bibliografia

BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 36 (de [1075]); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 42 (de [1075]); BARROS, J., 2019, pp. 136, 178 e 313; BOISELLIER, S., 2012, p. 135; COSTA, A., 1929-49, VI, pp. 1370-1371; COSTA, A.J., 1997-2000, II, pp. 69-70; GEPIB, 1935-60, XII, p. 816; LFIDEI 182; LMUMADONA 45(72)= VIII(216); PMH, INQ., pp. 68, 161, 204-205, 256 (de 1220); SIPA; TEST. ECC. PORT., doc. n.º 1.5 (de 1214), p. 46, doc. n.º 1.25 (de 1255, maio, 28), p. 100, doc. n.º 1.32 (de 1271, agosto, 24), p. 142, doc. n.º 1.38 (de 1281, fevereiro, 7), p. 167 e doc. n.º 1.40 (de 1291, abril, 30), pp. 179-190.